

Editores

Breno Martins Campos
Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Apoio

Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior (Capes).

Conflito de interesse

Não há conflito de interesses.

Recebido

13 dez. 2024

Versão Final

7 jul. 2024

Aprovado

6 ago. 2024

Espiritualidade à luz da epistemologia axiológica de Marià Corbí

Spirituality according to Marià Corbí's axiological epistemology

Fabiana de Faria¹ , Flávio Senra¹ 

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de Ciências da Religião, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Belo Horizonte, MG, Brasil. Correspondência para: F. FARIA. E-mail: <fabiana.defaria@hotmail.com>.

Artigo derivado de dissertação de mestrado de F. FARIA, intitulada "Espiritualidade e saúde: o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda no enfrentamento da enfermidade". Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2023.

Como citar este artigo: Faria, F.; Senra, F. Espiritualidade à luz da epistemologia axiológica de Marià Corbí. *Reflexão*, v. 49, e2410599, 2024. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e10599>

Resumo

O presente artigo apresenta a compreensão de espiritualidade segundo a disciplina epistemologia axiológica elaborada por Marià Corbí. Para o autor de referência, o termo espiritualidade está vinculado a uma antropologia dual (corpo-espírito) e não atende às exigências das modernas sociedades do conhecimento. Seguindo uma metodologia de análise bibliográfica, o presente trabalho apresenta a disciplina epistemologia axiológica e seus pressupostos, com ênfase para o fato de o animal humano ser um animal de fala. Por essa razão, propõe a epistemologia axiológica, podemos pensar o processo de adaptação do ser humano à realidade, pois a língua possibilita um duplo acesso à realidade, aquele afeito às necessidades e aquele que não está por elas limitado. Considerando o perfil das modernas sociedades do conhecimento, o artigo apresenta as características para o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda. Com o presente trabalho trazemos ao debate uma possibilidade de compreensão da espiritualidade para além dos domínios da epistemologia mítica, do mundo das crenças e doutrinas das religiões. Nesse sentido, acredita-se ser uma contribuição para o estudo e aplicação em setores e situações externas ou alheias ao domínio das instituições religiosas.

Palavras-chave: Epistemologia axiológica. Espiritualidade. Marià Corbí.

Abstract

This article presents the understanding of spirituality according to the axiological epistemology discipline developed by Marià Corbí. For this author, the term spirituality is linked to a dual anthropology (body-spirit) and does not meet the demands of modern knowledge societies. Following a bibliographic analysis methodology, this paper presents the discipline of axiological epistemology and its presuppositions, with emphasis on the fact that the human animal is an animal of speech. For this reason, proposes axiological epistemology, we can think about the process of adapting human beings to reality, because language enables a double access to reality,

one that is related to needs and one that is not limited by them. Considering the profile of modern knowledge societies, the article presents the characteristics for cultivating human quality and deep human quality. With this work we bring to the debate the possibility of understanding spirituality beyond the realms of mythical epistemology, the world of religious beliefs and doctrines. In this sense, it is believed to be a contribution to the study and application in sectors and situations outside the domain of religious institutions.

Keywords: Axiological epistemology. Spirituality. Marià Corbí.

Introdução

No presente artigo refletimos sobre espiritualidade, considerada como cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda, a partir da disciplina Epistemologia Axiológica, elaborada por Marià Corbí² (2020). Entre os aspectos abordados por essa disciplina, tais como, a discussão sobre a distinção entre sociedades estáticas e sociedades do conhecimento, a cultura e a língua, encontra-se a distinção entre os termos religião, espiritualidade e o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda. Para o entendimento da disciplina EA de Marià Corbí se faz necessário repetir a frase pois aqui estamos dizendo que há diferença entre espiritualidade, qualidade humana e qualidade humana profunda. Ressalvamos que, em virtude do tradicional vínculo desse termo com uma antropologia dual, o autor tem preferido não utilizar o termo espiritualidade. Neste trabalho deixaremos evidenciado o teor e as razões dessa posição corbiana.

O debate sobre espiritualidade está se consolidando cada vez mais por meio da pesquisa científica. Estudos apontam para a importância da fé, seja a religiosa, seja a antropológica, em situações de enfrentamento das vulnerabilidades físicas e psíquicas do ser humano, e apontam para a necessidade de reconstruir as relações entre ciência e espiritualidade (Hill; Pargament, 2003; Koenig, 2012; Koenig; King; Carson, 2012; Lemos; Martins Filho, 2020; Moreira-Almeida, 2010; Sena, *et al.*, 2021; Souza, 2020). As definições acerca do termo espiritualidade são, porém, bastante variadas.

Em termos mais gerais, a espiritualidade pode estar relacionada com a prática de uma religião. Comumente, as explicitações relativas ao termo espiritualidade estão relacionadas ao reconhecimento de alguma realidade expressa como transcendência, algo não material, ilógico ou carente de objetividade. Porém, pode ser reconhecida do ponto de vista de uma consideração mais ampla do viver com sentido e propósito, não necessariamente vinculado a uma doutrina ou prática religiosa (Esperandio *et al.*, 2022; Esperandio, 2020; Esperandio; Caldeira, 2022; Esperandio; Fernandes, 2022; Esperandio; Leed Ladd, 2013; Esperandio; Souza, 2023). Trata-se, em todo caso, de um termo socialmente reconhecido (Tonio, 2023).

Nesse segundo horizonte acima explicitado, as definições de espiritualidade, para além do domínio das crenças religiosas, apontam para uma experiência que as pessoas reconhecem como livres de regras, regulações e responsabilidades associadas à religião. A espiritualidade pode, nessa perspectiva, ser uma experiência observável em pessoas sem religião (Lira; Adam, 2023; Ritz; Senra, 2022; Senra, 2020; Senra; Carvalho; Vieira, 2020; Senra; Souza, 2021)³. Reconhecemos que a

² Mariano Corbí Quiñonero (ou Marià, em catalão) nasceu em 1932, em Valência (Espanha), e vive na Catalunha desde a infância. Estudou música e piano no Conservatório Liceo de Barcelona. Formou-se em Filosofia, na Universidade de Barcelona, e em Teologia. Em 1981 defendeu, na Universidade de Salamanca, a tese de doutorado publicada pela Universidade de Salamanca (Corbí, 1983). Em 1998 criou o Centro de Estudo das Tradições de Sabedoria, o CETR de Barcelona, do qual é seu atual diretor.

³ O termo aqui registra a vivência de pessoas autodeclaradas sem-religião. Segundo dados censitários, as pessoas autodeclaradas sem religião constituem uma terceira força religiosa. Particularmente, no Brasil das últimas quatro décadas, o número de pessoas que assim se reconhecem saltou, segundo dados do último Censo Demográfico do IBGE, de 0,8% da população brasileira, em 1970, para 8,04% em 2010 (Ritz, 2023). A crença sem afiliação põe em evidência a hipótese de uma espiritualidade autônoma, ou seja, gerenciada a partir do discernimento e da experiência de indivíduos, e não vivenciada segundo as doutrinas, orientações práticas e sistemas de atos vinculados a uma instituição religiosa (Vieira; Senra, 2020). Rompe-se com o modelo a partir do qual é a instituição que detém o poder de gerenciamento da espiritualidade.

espiritualidade pode favorecer um diálogo com a existência concreta das pessoas e das sociedades e os seus desafios (Souza, 2013, 2019, 2022). A espiritualidade, portanto, não é monopólio das religiões, das tradições de sabedoria, de filosofias de vida ou, em síntese, de algum regime de crenças.

Compartilhamos, neste trabalho, da noção segundo a qual a espiritualidade, considerada como cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda, pode se referir a algo que é inerente ao ser humano, como animal que fala. A fala, destaca Corbí (2020), como um dado antropológico, biologicamente constituída e culturalmente desenvolvida, é o que abre o animal humano para o duplo acesso do real, considerada a sua dimensão absoluta e a sua dimensão relativa. Segundo Corbí (2020), o termo espiritualidade está fundamentado por meio de uma epistemologia mítica, elaborada segundo padrões utilizados pelos nossos antepassados, nas sociedades pré-industriais e industriais. Não obstante, Marià Corbí, um autor que reflete a partir da conjuntura social e religiosa do continente europeu, insiste na necessidade de reler o legado espiritual da humanidade, colocando-o a serviço do desenvolvimento da qualidade humana nas novas condições culturais. O autor propõe o cultivo da espiritualidade como qualidade humana e qualidade humana profunda, por ele caracterizada como sendo livre, distanciada de valores pré-estabelecidos, de hierarquias e de submissões a crenças.

A disciplina Epistemologia Axiológica de Marià Corbí

Iniciamos por apresentar a disciplina Epistemologia Axiológica e a sua contribuição para o entendimento das mudanças que vêm acontecendo em nossas sociedades. De acordo com Marià Corbí, essa disciplina tem o potencial de nos fazer refletir acerca do rápido e contínuo progresso das ciências e das tecnologias nas sociedades contemporâneas e sobre o seu impacto na vida social, cultural e religiosa.

Segundo Marià Corbí, o cenário reflete uma profunda transformação. As transformações pelas quais temos passado como sociedades produziu a consciência de que toda a construção, todas as maneiras de pensar, de sentir, de organizar-se e de viver são uma construção nossa. Diferentemente de sociedades tradicionais do modelo pré-industrial, o tempo dos nossos antepassados, o axiológico não é mais percebido como algo imposto, já elaborado, cabendo apenas aos sujeitos colocá-lo em prática. Marià Corbí caracteriza essas sociedades tradicionais como sociedades estáticas, contrapondo-as às sociedades do conhecimento caracterizadas como sociedades em contínua transformação. Tomadas pelo horizonte das sociedades do conhecimento, o autor compreende que essas sociedades valorizam a imutabilidade do axiológico.

O pensador tem se dedicado intensivamente às consequências das ideologias e da religião nas transformações geradas nas sociedades industrial e pós-industrial europeias. Como ferramentas, sua pesquisa utiliza das mais diversas especialidades (linguística, epistemologia, sociologia, antropologia, história das religiões) para explicar como se relacionam os sistemas de valores e os sistemas de vida. O autor se dedica ao estudo de como as formas axiológicas das diferentes sociedades estão diretamente relacionadas ao seu modo de viver, de conviver, de sobreviver.

Por mais de cinco décadas, Marià Corbí dedicou-se a compreender a necessidade de se construir um novo Projeto Axiológico Coletivo que tenha estrutura suficiente para dar suporte às novas sociedades que estão surgindo, com uma rapidez e uma capacidade de transformação extraordinárias. Para o autor, os Projetos Axiológicos Coletivos das sociedades tradicionais, que

valorizam a estabilidade e um padrão estático de valor, com a menor mudança possível, não são mais compatíveis com as sociedades do conhecimento. Esses projetos dizem respeito às formas da sociedade em se organizar. A propósito dessa tarefa, afirma Corbí (2012, p. 2, tradução nossa)⁴:

Estamos diante do problema de ter que criar um saber novo para lidar com o axiológico, de ter que criar uma “epistemologia axiológica” ou “epistemologia de valores”. Com este saber, temos que nos tornar capazes de lidar com o axiológico para poder criar nossos próprios postulados e projetos axiológicos coletivos, em todos os níveis, inclusive o individual. Temos que criá-los nós mesmos, apoiando-nos em nós mesmos e levando explicitamente em conta que eles são de nosso próprio risco. Ninguém nem nada nos dará esse trabalho feito. Temos que ser capazes de construir nossa própria motivação para viver, e uma motivação tal que funcione com a mesma eficiência dos mecanismos de estímulo/resposta em outros animais.

Nas sociedades do conhecimento, de acordo com Corbí (2020), surge a necessidade de nos preocuparmos com os impactos dos novos conhecimentos, os quais serão levados em consideração na elaboração de novos Projetos Axiológicos Coletivos, de maneira individual e coletiva. Um projeto que nos permita acompanhar as rápidas e contínuas mudanças das sociedades contemporâneas, que nos possibilite mudar a maneira como pensamos, sentimos, nos organizamos e valorizamos tudo que está ao nosso redor. Por fim, que auxilie no manejo do axiológico.

É possível destacar, segundo o autor, a diferença dos Projetos Axiológicos Coletivos, vividos nas sociedades tradicionais, e os que teremos que desenvolver nos dias atuais, nas novas sociedades do conhecimento. Corbí (2020) os denomina como Padrão-R e o Padrão-C.

No Padrão-R, de acordo com Corbí (2020), os Projetos Axiológicos Coletivos estão construídos sob o controle de padrões religiosos, pois a religião também desempenha o papel de Projeto Axiológico Coletivo. Suas principais características são compatíveis com as sociedades pré-industriais. Ao lado das religiões, as ideologias também respondem a esse Padrão-R, pois atuam dentro de uma epistemologia mítica. Caracteriza uma epistemologia mítica a convicção de que a verdade de algo é recebido. Segundo Corbí (2020, p. 161, tradução nossa)⁵, “chamamos epistemologia mítica a interpretação e valoração da realidade que acompanhou os mitos que exerciam a função de projetos axiológicos coletivos nas sociedades pré-industriais. Eles foram interpretados como revelação divina ou herança sagrada dos antepassados; por esta razão foram tomados como autênticas descrições das realidades”.

Destacam-se, nesse Padrão-R, segundo Corbí (2020), as seguintes características, as quais estão presentes nas formas religiosas e nas ideologias, a saber: (a) o Projeto Axiológico Coletivo é compreendido como recebido, algo recebido dos deuses ou identificado na natureza das coisas; (b) exige submissão; (c) deve se impor para garantir a submissão.

Por sua vez, nas novas sociedades do conhecimento, identificadas por Corbí (2020) como sociedades criativas e repletas de diversidade, não cabe mais um Padrão-R, e já não se pode construir um padrão para todas as sociedades do conhecimento. Segundo o autor, essa nova realidade exige um novo padrão, o Padrão-C – padrão de construção, baseado em Projetos Axiológicos Coletivos

⁴ No original: *Se nos plantea el problema de tener que crear un saber nuevo para manejar lo axiológico, de tener que crear una “epistemología axiológica” o “epistemología de los valores”. Con ese saber tenemos que hacernos capaces de manejar todo lo axiológico para poder crear nuestros propios postulados y proyectos axiológicos colectivos, a todo nivel, incluido el individual. Tenemos que créárnoslos nosotros mismos, apoyándonos en nosotros mismos y teniendo explícitamente en cuenta que corren a nuestro propio riesgo. Nadie ni nada nos dará ese trabajo hecho. Tenemos que ser capaces de construir nuestra propia motivación para vivir, y una motivación tal que funcione con la misma eficacia de los mecanismos de estímulo/respuesta en los restantes animales.*

⁵ No original: *“Llamamos epistemología mítica a la interpretación y valoración de la realidad que acompañó a los mitos que ejercían la función de proyectos axiológicos colectivos en las sociedades preindustriales. Se interpretaban como revelación divina o legado sagrado de los antepasados; por esta razón se tomaban como descripciones auténticas de las realidades”.*

construídos por nós mesmos, sem submissão, um padrão ao qual nos vinculamos de forma voluntária, sem imposição de qualquer tipo, livre de epistemologia mítica.

Para Corbí (2020), será de nossa responsabilidade a construção desse conhecimento, de acordo com as novas circunstâncias, pautada no desenvolvimento das ciências e tecnologias, sempre indagando, levando em conta o conhecimento axiológico e contando conosco mesmos, tendo como base os conhecimentos axiológicos, os quais serviram de fundamento para que possamos construir nossa própria qualidade humana.

Conseqüentemente, para o autor, nossa qualidade humana serve de base para a construção dos postulados de Projetos Axiológicos Coletivos. Tais projetos dependem da nossa qualidade para gerir e dar as diretrizes de forma assertiva e de modo adequado para as ciências, as tecnologias e as organizações de diferentes tipos. Para cultivar a qualidade humana o autor defende que temos que ser capazes de herdar a qualidade humana de nossos antepassados e, ao mesmo tempo, criar condições de cultivo de acordo com nossas condições culturais atuais.

A disciplina “[...] Epistemologia Axiológica deve ser capaz de nos dizer como construir nossa qualidade humana, individual e coletivamente, e, ao mesmo tempo, como cultivar a qualidade humana profunda, que nossos ancestrais chamavam espiritualidade” (Corbí, 2012, p. 4, tradução nossa)⁶.

Sendo assim, a disciplina Epistemologia Axiológica nos alerta sobre a necessidade de um novo cultivo, de um novo modo de conceber a espiritualidade. Um olhar que ultrapassa o Padrão-R da epistemologia mítica. Aquilo que herdamos dos nossos antepassados, para a epistemologia axiológica não é concebido como uma revelação divina, algo que não se possa ser mudado, ou cujo descumprimento acarrete uma punição ou um castigo vindo do céu. Trata-se de algo a ser construído com a nossa atual realidade dentro das nossas possibilidades e dentro do nosso atual contexto sociocultural.

Sociedades do conhecimento

O que vem a ser as sociedades do conhecimento e em que se distinguem das sociedades tradicionais nos termos de Marià Corbí? O autor nos alerta que, ao longo do tempo, estão acontecendo mudanças em nossas sociedades. Essas mudanças fazem com que as sociedades pré-industriais, por ele consideradas como sociedades sem criatividade e carregadas de submissão, deem lugar às sociedades do conhecimento, caracterizadas pela livre indagação, pela criatividade, e sem imposição.

Segundo Corbí (2020), as sociedades desenvolvidas do Ocidente fizeram esta passagem de sociedades agrário-autoritária para sociedades mistas, formada por uma maioria pré-industrial e uma minoria influente industrial. Atualmente, segundo o autor, essas sociedades passam por outra adaptação, ou seja, de sociedades mistas, formada por uma maioria inóstrual e uma minoria influente, a uma segunda grande industrialização, através das sociedades do conhecimento.

As sociedades tradicionais, pré-industriais, de forma coletiva compreendiam, avaliavam e atuavam de uma epistemologia mítica. Por sua vez, compreende o autor, as sociedades do conhecimento são as “que vivem e prosperam da criação contínua de ciências e tecnologias, em retroalimentação mútua e, por meio delas, da criação de novos produtos e serviços. São sociedades

⁶ No original: “*epistemología axiológica debe podernos decir cómo construir nuestra cualidad humana, individual y colectivamente, y, a la vez, cómo cultivar la cualidad humana profunda, la que nuestros antepasados llamaron espiritualidad*”.

de inovação e mudança, em ritmo progressivamente acelerado” (Corbí, 2020, p. 27, tradução nossa)⁷. Não apresentam traços de hierarquia e tampouco de submissão. Por esses motivos, e por outros que veremos com mais detalhamento adiante, que o termo espiritualidade, fundamentado em uma epistemologia mítica e utilizado pelos nossos antepassados nas sociedades pré-industriais e industriais “[...] corresponde a uma antropologia de corpo-espírito que já não é típica das novas sociedades” (Corbí, 2020, p. 189, tradução nossa)⁸.

Faz-se importante ressaltar que todo esse processo de mudança e adequação das sociedades do conhecimento não implica oposição a toda a bagagem de conteúdos espirituais das religiões, embora o autor destaque que se deve mudar a maneira de interpretá-las. Nas palavras do autor “as sociedades do conhecimento não são inimigas do conteúdo espiritual das religiões, como a filosofia e as ideologias o foram, basicamente, porque procuraram substituir o mito e a religião em seu papel de projetos axiológicos coletivos, ou seja, em seu papel de interpretar e avaliar realidades e como sistema de organização de coletivos” (Corbí, 2020, p. 28, tradução nossa)⁹.

De acordo com Marià Corbí, as religiões exibem certa inadequação para o padrão das sociedades do conhecimento, sendo destacado, no caso europeu, segundo o autor, um baixo interesse por parte de jovens e adultos pela religião. Os jovens, destaca Marià Corbí, entendem a religião como algo pertencente ao passado, nem a julgam como um problema ou algo que lhes cause algum impacto em suas vidas. O autor ainda destaca que isso ocorre em uma faixa etária menor que 45 anos. Entre esses sujeitos encontram-se classes profissionais, os intelectuais e as mulheres, que outrora foram consideradas lugar de refúgio das religiões, pessoas que também estão se afastando das religiões. Diferentemente das religiões, para o autor, “a qualidade humana é o eixo da sociedade do conhecimento e de todas as suas construções, sejam elas axiológicas ou não axiológicas. A qualidade humana deve ser mantida e não decair, mediante o cultivo incondicional de qualidade humana, isto é, da qualidade humana profunda” (Corbí, 2021, p. 17, tradução nossa)¹⁰.

Característica fundamental presente nas sociedades do conhecimento é o cultivo da dupla tríade IDS-ICS, ou seja, interesse, distanciamento e silêncio – indagação, comunicação e serviço. Essa dupla tríade vem a ser meio por meio do qual o autor defende o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda, o que destaca como o eixo das sociedades do conhecimento. Segundo Corbí (2021, p. 19, tradução nossa)¹¹, “não é o poder, nem o dinheiro, nem os investimentos, nem a capacidade motivadora de uma ideologia, nem a capacidade de coagir, o que é a alma imprescindível da sociedade de conhecimento, é o grau de cultivo do IDS-ICS, ou seja, a qualidade humana”.

As sociedades do conhecimento nos chamam a atenção não apenas para as mudanças de valores, por todo avanço das ciências e das tecnologias, elas ressaltam a nossa responsabilidade com o cuidado do nosso planeta e de toda a vida que nele habita.

⁷ No original: “que viven y prosperan de la creación continua de ciencias y tecnologías, en retroalimentación mutua y, mediante ellas, de la creación de nuevos productos y servicios. Son sociedades de innovación y cambio, a ritmo progresivamente acelerado”.

⁸ No original: “[...] corresponde a una antropología de cuerpo-espíritu que ya no es la propia de las nuevas sociedades”.

⁹ No original: “Las sociedades de conocimiento no son enemigas del contenido espiritual de las religiones, como sí lo fueron, en el fondo, la filosofía y las ideologías porque pretendían sustituir al mito y a la religión en su papel de proyectos axiológicos colectivos, es decir, en su papel de interpretación y valoración de las realidades y como sistema de organización de los colectivos”.

¹⁰ No original: “[...] La CH es el eje de la SC y de todas sus construcciones, sean axiológicas o no axiológicas. Se requiere que la CH se mantenga y no decaiga mediante el cultivo incondicional de la CH, es decir, de la CHP”.

¹¹ No original: “No es el poder, ni el dinero, ni las inversiones, ni la capacidad motivadora de una ideología, ni la capacidad de coacción, lo que es el alma imprescindible de la SC, sino el grado de cultivo de IDS-ICS, es decir, la CH”.

Alguns pressupostos da epistemologia axiológica

A cultura se encarrega de organizar os moldes aos quais devemos nos encaixar, impõe como devemos nos comportar e estabelece padrões a serem seguidos para que possamos garantir nossa sobrevivência.

Como destaca Granés Bayona (2018), no trabalho de Corbí fica evidenciado o papel indispensável que joga a condição fundamental de nossa espécie, ou seja, a condição de um ser vivo cultural. Esse dado capacita o animal humano a interagir com o meio e lhe permite adaptar-se às mais diversas situações de maneira diferente dos outros animais não humanos. Não são necessárias, como nos animais não humanos, que ocorram modificações genéticas, pois a cultura proporciona ao animal humano um conjunto de estruturas axiológicas que funcionam como condições específicas para desenvolver a relação de seres vivos com o meio.

Nas palavras de Corbí (2010, p. 24),

A cultura é uma invenção da vida para acelerar sua adaptação ao meio. Poderíamos dizer que a vida encontra um procedimento que lhe permite adaptar-se rapidamente às alterações e modificações do meio sem alterar a morfologia, que exigiria milhões de anos, sem alterar a condição sexual nem a condição simbiótica. Ela cria a língua como instrumento para produzir as acomodações ao meio, mantendo a base biológica imutável

Sendo assim, compreendemos a importância da cultura para nossa interação e comunicação, permitindo-nos criar simbiose com o meio, possibilitando condições de sobrevivência sem mudanças radicais.

Um elemento fundamental para a perspectiva corbiana é a afirmação da língua como um dado antropológico. Em virtude da sua função comunicativa, esse é um dado fundamental para os animais humanos. Esse dado permite compreender o específico da nossa realidade, da nossa maneira de agir e de nos organizar. A língua estabelece a nossa adequação ao meio em que estamos inseridos.

Os animais humanos desenvolveram essa capacidade biológica, ou seja, a competência linguística, ferramenta que permitiu que a cultura respondesse às modificações do meio e que até mesmo as criasse quando preciso, sem que houvesse a necessidade de modificação morfológica. De acordo com Corbí (2020, p. 83, tradução nossa)¹², “é a estrutura comunicativa básica que determina todo o ser humano em seu ser como vivente, em sua compreensão da realidade e em seus modos de atuação e organização. A língua é o que nos possibilita o acesso à dupla dimensão do real. Corbí (2020, p. 85, tradução nossa)¹³ nos explica que “sem a língua não haveria para os humanos nem o mundo, nem a objetividade, nem o significado, nem as noções gerais, nem o valor, nem o sentido, nem a beleza, nem a espiritualidade, nem a dimensão relativa da realidade e a dimensão absoluta existiriam enquanto tais”.

Através da língua, dos sinais acústicos que a fala emite, passamos a separar e a dar significado às coisas, o que também nos permite entender a distinção entre a realidade e o significado. A realidade, independe do significado que lhe conferimos, é, portanto, em termos corbianos, absoluta (solta de). Segundo Corbí (2020, p. 87, tradução nossa)¹⁴, “a língua é o instrumento de vida de um ser

¹² No original: “es la estructura comunicativa básica que determina todo el ser humano en su ser de viviente, en su comprensión de la realidad y en sus modos de actuación y organización”.

¹³ No original: “Sin la lengua no existiría para los humanos ni el mundo, ni la objetividad, ni el significado, ni las nociones generales, ni el valor, ni el sentido, ni la belleza, ni la espiritualidad, ni existirían como tales la dimensión relativa de la realidad y la dimensión absoluta”.

¹⁴ No original: “la lengua es un instrumento de un viviente para vivir [...], modela la realidad a la medida de sus necesidades individuales y de grupo, no pretende describir la realidad como es en sí”.

vivo [...], molda a realidade de acordo com as suas necessidades individuais e grupais, não pretende descrever a realidade tal como ela é em si mesma”.

A língua permite ao ser humano um duplo acesso à realidade: a dimensão relativa e a dimensão absoluta. Aqui se encontra, para Marià Corbí, a base para o desenvolvimento de Projetos Axiológicos Coletivos para as sociedades do conhecimento.

O que é dimensão relativa? Qual a importância da dimensão relativa para os seres humanos? Trata-se de uma das dimensões da realidade do existir humano. A dimensão relativa está condicionada às necessidades humanas, em função da forma de sobrevivência individual e coletiva.

A língua nos faz entender e viver o duplo acesso à realidade, uma relativo às nossas necessidades, a dimensão relativa, e outra absoluta às nossas necessidades. Corbí (2021, p. 114, tradução nossa)¹⁵ nos esclarece que,

Graças à dupla dimensão, temos um acesso flexível às realidades do nosso meio. Ao experimentar as duas dimensões, experimentamos também que as realidades são uma coisa e os significados que têm para nós são outra. Esta experiência está, pelo menos, implícita em todos os seres humanos, porque de outra forma não seríamos capazes de mudar a nossa forma de sobreviver, nem de mudar os nossos padrões culturais, nem seríamos capazes de fazer ciência, arte ou religião.

A flexibilidade nos possibilita ser uma espécie animal sem natureza fixa como no caso dos outros animais não humanos. A fala, realça Marià Corbí, é a invenção biológica que nos permite ser flexíveis para interagir com o meio, o que torna possível a adaptação às mudanças ou a mudança de algo quando necessário. Através da fala realizamos mudanças em nossas vidas, sem mudar nossa genética ou a nossa fisiologia.

A fala nos proporciona, portanto, uma distância objetiva da realidade, é a porta para um duplo acesso à realidade, um acesso relativo às nossas necessidades, “[...]significado das realidades para nossa sobrevivência individual e coletiva (dimensão relativa), e um acesso à realidade não relativo a nossas necessidades ou absoluto (dimensão absoluta)” (Corbí, 2020, p. 120, grifos nossos, tradução nossa)¹⁶.

Por um lado, a dimensão relativa é vivida através de estímulos à nossa ação, dando significado à nossa vida, estipulando valores de sobrevivência, definindo a relação entre o ego, as nossas necessidades e o mundo – o meio onde estamos inseridos, dando origem a um conhecer e a um sentir relativos, interessados, um conhecer e um sentir gerados a partir de nossas necessidades. Por outro lado, de acordo com Marià Corbí, o acesso à realidade independe de nossa vontade. Contudo, não se trata de uma experiência separada do nosso corpo e do nosso mundo, algo transcendente. Faz-se presente por meio dos nossos sentidos, da nossa mente e da nossa ação, de forma absoluta (solta de), livre, totalmente independente de nós ou de qualquer relação conosco mesmos, estando ela em si mesma.

Marià Corbí (2010) destaca três características de nossa experiência absoluta da realidade. A primeira característica seria o fato de ela ser realizada por um ser humano; a segunda seria a estrutura ternária como uma inovação da vida, uma solução engenhosa e ágil de substituir; e, por fim, a terceira consiste em que a utilização da realidade absoluta nos liberta de uma única leitura da realidade.

¹⁵ No original: “Gracias a la doble dimensión tenemos un acceso flexible a las realidades de nuestro medio. Al vivir las dos dimensiones, vivimos también que una cosa son las realidades y otra los significados que tienen para nosotros. Esa vivencia es como mínimo implícita en todos los humanos, porque si no, no podríamos cambiar de modo de sobrevivir, ni cambiar nuestros patrones culturales, ni podríamos hacer ciencia, ni arte, ni religión”.

¹⁶ No original: “Significado de las realidades para nuestra supervivencia individual y colectiva (dimensión relativa) y un acceso a la realidad no relativo a nuestras necesidades o absoluto (dimensión absoluta)”.

A partir do cultivo da dimensão absoluta é que passamos a ver o mundo, as pessoas, as coisas presentes em nosso entorno liberados do egocentrismo encontrado na dimensão relativa. Corbí (2010, p. 26) afirma que,

Essa experiência absoluta da realidade se mostra como um mar sem fronteiras, no qual é possível mergulhar cada vez mais profundamente. A experiência absoluta da realidade rompe as barreiras que encerram um animal vivo no círculo fechado de suas necessidades. Superando essas fronteiras, tornam-se possíveis a ciência, a arte, a filosofia e o interesse pelas realidades, não buscando este último tirar proveito delas. A experiência absoluta da realidade abre a mente a outro tipo de conhecimento da realidade e abre a sensibilidade e coração a um amor não egocentrado pelas coisas e pelas pessoas.

Passamos nesse tipo de cultivo a não mais pertencer ao círculo vicioso, entre o ego, as nossas necessidades e o mundo, pois nos é dado a possibilidade de um conhecimento desinteressado, um conhecer e sentir livre, leve, dando-nos a chance de um verdadeiro cuidado com o outro e com os outros, explica o autor. Corbí (2021) defende que o cultivo da dimensão absoluta descarta a pretensão de individualidade, está presente todo animal humano sem ter nenhuma dependência de nós; simplesmente se faz presente, sem ter relação com nossas necessidades ou com o nosso ego. A dimensão absoluta não nos impõe limites, viabiliza-nos o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda, como veremos a seguir. Importante ainda destacar que a dimensão relativa e dimensão absoluta não são dimensões divididas, são dois aspectos do mesmo real, cujo acesso, como seres linguísticos, nos diferencia das outras espécies animais.

Espiritualidade como cultivo da qualidade humana e a qualidade humana profunda

Consideremos, através dos estudos que Corbí (1983, 2010, 2020) realizou, considerando a estruturação cultural das sociedades pré-industriais que, nesses casos, os grupos tinham como núcleo central de suas atividades promover a sobrevivência e a adequação ao meio onde estavam inseridos. A partir dessa atividade central se desenvolvia a metáfora central e as metáforas periféricas. Nos termos do autor, é a partir da metáfora central que se desencadeia a percepção da realidade, dos valores e suas relações sociais. Nas culturas pré-industriais, as normas, os valores, os hábitos e os modelos característicos de um grupo social se expressavam em narrativas sagradas, o que chamamos de mitologias. Caçadores-recolhedores, horticultores, agricultores de rega e pecuaristas, grupos pertencentes às sociedades pré-industriais, todos tinham sua ocupação principal ligada à narrativa mitológica, narrativas com conteúdo axiológico e ações rituais. As narrativas mitológicas delimitavam a realidade, havia um modelo pronto de como sobreviver ao meio e suprir as necessidades primárias, criando sistemas de programação coletiva. Um sistema de submissão mantinha essas sociedades tradicionais ou estáticas, como nomeia Marià Corbí, durante longos períodos, milênios, da mesma maneira, com a mesma estrutura cultural e social. Nesses casos, as narrativas sagradas e mitológicas constituíam a própria natureza da realidade. As narrativas sagradas eram avaliadas pelas crenças, as quais seriam revelações transcendentais, ligação entre o céu e a terra, legado transmitido às novas gerações pelos antepassados sagrados. Assim, como algo divino, não haveria necessidade de mudanças ou inovação. Pelo contrário, se algo fosse alterado ou inovado, era visto como algo que poderia gerar punição ao grupo. Portanto, segundo Corbí (2010, p. 126), “Aquilo que denominamos “Religiões” é construído a partir das metáforas centrais das sociedades pré-industriais; e as religiões se acham ligadas aos mitos que configuram, ao mesmo tempo e com uma unidade, a dimensão da realidade relativa a nossas necessidades e a dimensão da realidade absoluta. As religiões estão, pois, dentro dos pressupostos da Epistemologia Mítica”.

O autor afirma que a religião não existe sem a epistemologia mítica. Porém, a experiência da dimensão absoluta da realidade, que faz parte da nossa qualidade específica da fala, esta sim é capaz de se desenvolver livremente sem nenhuma limitação ou submissão. Como afirmado acima, a religião foi se estruturando e tomando forma através dos mitos, da linguagem simbólica, com seus rituais nas sociedades pré-industriais.

Por sua vez, nas sociedades industriais, em termos corbianos, o mito e a linguagem simbólica são substituídos por ideologias, por linguagens filosóficas, que se adaptaram ao avanço do conhecimento técnico e científico, em que as narrações sagradas já não têm impacto na vida cultural e social dos novos grupos, que passam a ter uma programação axiológica baseada no avanço tecnológico científico crescente e contínuo. Já na segunda industrialização, a inovação científica e tecnológica interfere na estruturação da organização da atividade laboral, e tal avanço obriga a inovações nas relações sociais e nos interesses coletivos, além das mudanças axiológicas.

Nas contemporâneas sociedades do conhecimento, tudo está em transformação contínua. Nessas sociedades, a religião, as crenças religiosas e ideológicas não conseguem acompanhar todo esse progresso rápido e contínuo, pois são estáticas, imóveis, fixadas, que não conseguem suprir as necessidades das novas demandas do progresso das novas sociedades do conhecimento. Marià Corbí, enfatiza que as constantes e rápidas mudanças axiológicas das novas sociedades do conhecimento não permitem que formas de crenças religiosas (mitológicas) e seculares (ideológicas) sejam mantidas. São formas estáticas e fixas de interpretação. Sendo assim, estão na contramão do progresso, gerando uma ruptura com as religiões, a ponto de que elas possam vir a desaparecer (Granés Bayona, 2015). Segundo Corbí (2010, p. 193),

As religiões continuam empenhadas em transmitir a grande mensagem das velhas e veneráveis tradições, vertida em modelos culturais pré-industriais, ligados a crenças, a subordinação mental – moral e ritual –, às sacralidades, às hierarquias, ao patriarcado, à interpretação coisificada dos símbolos, dos mitos e das narrações sagradas. Essa forma de interpretar e de viver os grandes conteúdos de sabedoria das tradições, expressas em símbolos, em narrações, se transforma num obstáculo, é praticamente insuperável porque contradiz e se opõe ao novo tipo de sociedade e à nova maneira de programar as comunidades mediante postulados e projetos construídos por nós mesmos e posto em prática com o auxílio das ciências e das técnicas, também construídas por nós.

De acordo com Corbí (2020, p. 44, tradução nossa)¹⁷, é preciso compreender que “[...] com o crescimento contínuo e acelerado das ciências e das tecnologias, por retroalimentação mútua, quebram a unidade de todos os aspectos da vida coletiva que tinha sido construída pelos mitos e pela religião ao longo da história das sociedades pré-industriais.

Nas sociedades do conhecimento, mediante as inovações que as ciências e as tecnologias nos apresentam, não haverá espaço para se viver uma espiritualidade regada de crenças. Corbí (2010, p. 184) nos afirma que

A proposta feita pelas tradições religiosas às novas sociedades dinâmicas não pode passar por “religar” a interpretação e a validação da realidade, em nenhum dos seus níveis, nem por “religar” os modos de agir, de se organizar e de viver a certas formas fixas e inalteráveis. As novas sociedades podem, em compensação, aceitar uma oferta de qualidade e de realidade feita pelos mestres do espírito e pelos grandes textos religiosos, capaz de provocar a livre adesão, não a fórmulas ou modos de vida fixados, mas uma qualidade que é um estado do pensar e do sentir que gera certeza sem, por isso, submeter a formas reveladas de pensamento e vida.

¹⁷ No original: “con el crecimiento continuo y acelerado de ciencias y tecnologías, por retroalimentación mutua, rompen la unidad de todos los aspectos de la vida colectiva que habían construido los mitos y la religión a lo largo de la historia de las sociedades preindustriales”.

Nas sociedades do conhecimento se faz necessário rever o papel que exerceu o sistema de modelações da realidade que nos foram oferecidas pelas tradições religiosas, orientadas por uma epistemologia mítica, que, por sua vez, formavam sistemas axiológicos de programação coletivas. Sendo assim, se falamos onde tematizamos a crise da religião, devemos compreender o resultado da “crise do modelo geral de construção de projetos e a necessidade de um novo modelo” (Corbí, 2020, p. 38, tradução nossa)¹⁸.

Após explicitarmos nos parágrafos anteriores o termo religião, na perspectiva de Marià Corbí, abordemos em que consiste propriamente o que o autor nomeia como cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda. Com essas expressões, conforme explicitamos no início deste artigo, referimo-nos a uma nova forma de cultivar o que se conhece comumente como espiritualidade.

Marià Corbí, defende a necessidade e a importância de cultivarmos, como animais linguísticos, a qualidade humana e a qualidade humana profunda, e nos alerta sobre a responsabilidade para com o nosso futuro. Segundo o autor, devemos investigar o que está acontecendo e, também, as consequências que derivam – em todos os âmbitos de nossa vida – dos eventos econômicos, sociais, culturais e religiosos que estão diante dos nossos olhos. Para Corbí (2010, p. 282),

A qualidade humana é uma atitude que se assemelha mais a um método que a um conjunto de conteúdo. É uma atitude vazia, um método vazio. Esse método é geral e aplicável a todos os âmbitos da vida humana. Ele pode ser aplicado com fins pragmáticos ou com fins gratuitos, ou melhor, sem finalidade nenhuma, por interesse e amor à realidade. Os proveitos dessa atitude ou método são sempre grandes, tanto em sua utilização para a melhor sobrevivência da espécie como em seu emprego para aprofundar, explorar e viver o enigma, a riqueza e a profundidade da imensidão da realidade que nos rodeia e que somos nós mesmos.

Nas sociedades reconhecidas como mistas, sociedades pré-industriais e industriais, o presente era baseado em crenças religiosas, em ideologias ou em ambas (Corbí, 2010). Dessa forma, como já descrito acima, a maneira de sobreviver do grupo se mantinha estática, evitando mudanças que representavam perigo ou ameaça. Diante do avanço contínuo das sociedades do conhecimento, passamos a ter a necessidade de construirmos o nosso próprio modo de vida, levando em conta a qualidade de nossos Projetos Axiológicos Coletivos. O autor enfatiza que,

Para construirmos um projeto de qualidade, que não pode repetir o que considerávamos de qualidade no passado, teremos de construir primeiro indivíduos de qualidade. Aqui vem, então, a pergunta: como se constrói indivíduos de qualidade, capazes de formular postulados axiológicos e de esboçar projetos de futuro qualificados, quando não temos critérios de qualidade? Não dispomos de critérios de qualidade porque o passado não nos serve e o futuro ainda tem de ser esboçado. Temos que enfrentar o problema da construção de uma qualidade humana que, ao contrário de como se edificou até agora, apoia-se em crenças, religiosas ou leigas, nem em conteúdo – sejam do tipo que forem –, já construídos e herdados do passado (Corbí, 2010, p. 279).

O que é qualidade humana? O que vem a ser qualidade humana profunda? Como surgiu esse contexto? Existe uma maneira de identificar e cultivar a qualidade humana e a qualidade humana profunda? O autor reforça que “[...] a qualidade humana é a consciência de viver e cultivar nosso duplo acesso à realidade: a da dimensão relativa às nossas necessidades e a da dimensão não relativa a essas necessidades ou dimensão absoluta” (Corbí, 2020 p. 189, tradução nossa)¹⁹. Para desenvolver a qualidade humana, Marià Corbí, cita três tipos de características indispensáveis,

¹⁸ No original: “la crisis del patrón general de construcción de proyectos y la necesidad de un nuevo patrón”.

¹⁹ No original: “La cualidad humana es la conciencia de vivir y cultivar nuestro doble acceso a la realidad: el de la dimensión relativa a nuestras necesidades y el de la dimensión no relativa a esas necesidades o dimensión absoluta”.

que se resumem em aptidões e atitudes, tais como, o interesse pela realidade, a capacidade de distanciamento da realidade e o silenciamento.

Essas três características unidas, inseparáveis, transformam-se em uma atitude de total interesse pela realidade, em estado de alerta, com distanciamento, desapego e silenciamento interior, impedindo nossas projeções sobre a realidade (Corbí, 2010). Para o autor, “onde ocorrerem essas características – seja no cultivo das ciências, no domínio das artes, no das atitudes axiológicas humanas ou no das espiritualidades, ocorrerá a qualidade humana. Onde não ocorre, não haverá qualidade” (Corbí, 2010, p. 281). Em síntese, Interesse, Distanciamento e Silenciamento (IDS) é o resultado final da qualidade humana básica e fundamental.

Na perspectiva de Corbí (2010), as características da qualidade humana envolvem o equilíbrio nos julgamentos e nas ações; a sensibilidade para compreender e responder ao outro; a simpatia para o sentir com o sentir do outro; a compreensão do outro com a mente e com o coração; a aceitação da diversidade das avaliações e das atitudes; o encarregar-se das situações mentalmente, afetivamente e sensitivamente; o prospectar situações futuras mentalmente e sensitivamente; o saber avaliar e comunicar essa avaliação aos demais; o gerar projetos que criem motivação nas situações concretas; o adaptar-se a situações mutáveis; a maturidade nas decisões e ações.

Por sua vez, a qualidade humana profunda implica o

[...] viver e cultivar a lucidez das nossas duas dimensões do real para residir, em última instância, na dimensão absoluta. Residir nessa segunda dimensão proporciona a aceitação da realidade tal como ela se apresenta, incluindo a morte; põe fim ao medo; dá paz; dá amor e reverência por todas as criaturas; faz-nos sentir que nada nos é estranho; e conduz-nos à unidade (Corbí, 2020, p. 189, tradução nossa)²⁰.

Para Marià Corbí, a qualidade humana profunda é aquilo a que os nossos antepassados chamavam “espiritualidade”. Já referimos que não adoptamos o termo “espiritualidade” porque corresponde a uma antropologia corpo-espírito que já não se adequa às novas sociedades” (Corbí, 2020, p. 189, tradução nossa)²¹. As características da qualidade humana profunda envolvem a livre indagação; o reconhecimento da dimensão absoluta; a ausência de padrão e de forma; o não vínculo à religiões e ideologias; o “desegocentramento”; a racionalidade; o cultivo do silêncio; o interesse e a ação; a não submissão.

A diferença entre qualidade humana e qualidade humana profunda está no grau de radicalidade, pois ambas se desenvolvem através das mesmas características, sendo IDS quando pensada de forma individual e através da junção da ICS, partindo para um pensamento de cultivo de forma coletiva. O ICS é composto pela indagação, a comunicação e o serviço.

Acerca da interna relação entre qualidade humana e qualidade humana profunda, cabe ainda destacar, segundo Corbí (2020, p. 189, tradução nossa)²² “individualmente, a qualidade humana é independente da qualidade humana profunda; coletivamente, não pode ser assim. A qualidade humana de um grupo requer que no mesmo grupo haja alguns que cultivem a qualidade humana profunda”.

²⁰ No original: “[...] vivir y cultivar la lucidez de nuestras dos dimensiones de lo real para residir, en definitiva, en la dimensión absoluta. Residir en esa segunda dimensión proporciona la aceptación de la realidad tal como viene, incluida la muerte; pone fin al temor; da la paz, da el amor y la veneración por toda criatura; nos hace sentir que nada nos es ajeno, y nos lleva a la unidad”.

²¹ No original: “La cualidad humana profunda es lo que nuestros antepasados llamaron «espiritualidad». Hemos mencionado ya que no adoptamos el término «espiritualidad» porque corresponde a una antropología de cuerpo-espíritu que ya no es la propia de las nuevas sociedades”.

²² No original: “Individualmente, la cualidad humana es independiente de la cualidad humana profunda; colectivamente, no puede ser así. La cualidad humana de un colectivo requiere que en el mismo colectivo haya algunos que cultiven la cualidad humana profunda”.

Considerada a nossa condição de animais falantes, defende Corbí (2021) que o conhecimento do acesso à dimensão absoluta permite-nos cultivar a qualidade humana e a qualidade humana profunda em sociedades sem crenças e sem religiões.

Considerações Finais

Marià Corbí nos convida a admirar e a venerar o mistério dos mundos, para despertarmos para o amor à realidade que vemos, ou seja, a dimensão absoluta. Ao longo deste artigo, procuramos evidenciar o sentido que abarca o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda, o que, para Corbí, se refere ao que outrora se poderia chamar espiritualidade. Esse passado representa o que ainda vige no âmbito da epistemologia mítica e nas antropologias duais. Em virtude do que foi mencionado sobre a qualidade humana e a qualidade humana profunda, propõe-se que o cultivo de suas características de forma individual e/ou coletiva nos permite dar um passo para a construção de um axiológico livre de submissão, crenças e amarras, permitindo a adequação de coesão a nossa realidade de sujeitos pertencentes às sociedades do conhecimento.

Neste artigo, procuramos evidenciar o sentido da espiritualidade como cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda a partir da disciplina Epistemologia axiológica de Marià Corbí. Reconhecemos haver uma ampla gama de possibilidades de compreensão de espiritualidade, ainda que não fosse nosso objetivo aprofundar essa questão.

A disciplina Epistemologia Axialógica nos ensina que estamos vivendo um momento de transição, passando de sociedades estáticas, carregadas de epistemologia mítica e, conseqüentemente, de um modelo de submissão, presente nas sociedades pré-industriais e industriais, para sociedades do conhecimento, sociedades em contínuo e rápido processo de inovação. Em meio a toda essa aceleração, Marià Corbí alerta sobre o colapso axiológico que afeta as religiões e as ideologias, por isso a necessidade de criar uma forma de evitar que a falta desse cultivo intensifique ainda mais os sérios problemas do nosso tempo. A disciplina Epistemologia Axialógica se propõe a ajudar os integrantes das sociedades do conhecimento na construção de projetos axiológicos de forma individual e coletiva, suprimindo as lacunas deixadas pela crise das religiões.

Com a Epistemologia Axialógica consideramos a língua como um dado antropológico, característica que nos difere dos outros animais. Os seres humanos desenvolveram uma capacidade biológica de adaptação, a competência linguística. Essa habilidade nos permite, de maneira eficiente, adaptarmo-nos ao meio e até mesmo criar soluções, quando necessário, para essa adaptação sem a necessidade de alterações morfológicas. A língua nos fornece acesso tanto à dimensão relativa quanto à dimensão absoluta. Quando se trata de dimensão relativa estamos falando do nosso acesso relativo às nossas necessidades, das realidades necessárias para nossa sobrevivência individual e coletiva. À realidade, conhecida como dimensão absoluta, não é uma experiência desvinculada de nosso corpo e mundo, não é dual e nem transcendente, na verdade, é algo que se manifesta independentemente de nossa vontade. A presença se revela por meio do nosso sentir profundo, por meio dos sentidos, da mente e da ação, de maneira completa, desprendida, livre e totalmente autônoma, existindo por si só, sem depender de nós ou de qualquer ligação conosco.

Referências

Corbí, M. *Análisis epistemológico de las configuraciones axiológicas humanas. La necesaria relatividad cultural de los sistemas de valores humanos: mitologías, ideologías, ontologías y formaciones religiosas*. 1983. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Salamanca, Barcelona, 1983.

- Corbí, M. *El sentir hondo de la vida*. Principios de epistemología axiológica 7. Espanha: Bubok Publishing S.L., 2021.
- Corbí, M. *Necesidad de una epistemología axiológica*. 8º Encuentro Internacional: La crisis axiológica raíz de todas las crisis que sufre nuestro mundo cómo manejaarnos con ella. CETR; 2012.
- Corbí, M. *Para uma espiritualidade leiga*. Sem crenças, sem religiões, sem deuses. São Paulo: Paulus, 2010.
- Corbí, M. *Proyectos colectivos para sociedades dinámicas*. Principios de Epistemología Axiológica. Barcelona: Herder, 2020.
- Esperandio, M. R. G. Espiritualidade no contexto da saúde: uma questão de saúde pública? *In*: Lemos, C. T.; Martins Filho, J. R. F. *Religião, Espiritualidade e Saúde: os sentidos do viver e do morrer*. Belo Horizonte: Editora Senso, 2020. p. 156-173.
- Esperandio, M. R. G.; Caldeira, S. *Espiritualidade e Saúde: fundamentos e práticas em perspectivas Luso-brasileira*. Curitiba: PUCPress, 2022.
- Esperandio, M. R. G. et al. Espiritualidade, religiosidade e religião: conceitos e implicações para a pesquisa e práticas de cuidado. *In*: Esperandio, M. R. G.; Caldeira, S. *Espiritualidade e Saúde: fundamentos e práticas em perspectivas Luso-brasileira*. Curitiba: PUCPress, 2022a.
- Esperandio, M. R. G.; Fernandes, M. L. A pesquisa em espiritualidade, bioética e saúde no Brasil e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUPCPR. *In*: Holanda, A. F. *Espiritualidade, religiosidade, psicologia e saúde: diálogos e pesquisas*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022b.
- Esperandio, M. R. G.; Leed Ladd, K. Oração e Saúde: questões para a Teologia e para a Psicologia da Religião. *Horizonte*, v. 11, n. 30, p. 627-656, 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n30p627/5452>. Acesso em: 14 abr. 2023.
- Esperandio, M. R. G.; Souza, C. F. B. A integração da dimensão espiritual no cuidado em saúde faz sentido? *Interações*, v. 18, n. 2, p. e182e01, 2023. Doi: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2023v18n2e182e01>
- Granés Bayona, M. *El impacto de las sociedades de conocimiento sobre los valores colectivos*. 604 f. 2018. Tese (Doutorado em Teoria do Conhecimento e Ontoepistemologia) – Universidad Complutense de Madrid, 2018.
- Granés Bayona, M. Para uma espiritualidade leiga. *Horizonte*, v. 13, n. 37, p. 650-654, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/8513>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- Hill, P. C.; Pargament, K. I. Advances in the Conceptualization and Measurement on Religion and Spirituality: Implications for physical and mental health research. *American Psychologist*, v. 58, n. 1, p. 64-74, 2003. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0003-066X.58.1.64>. Acesso em: 9 abr. 2023.
- Koenig, H. G. *Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- Koenig, H. G.; King, D. E.; Carson, V. B. *Handbook of Religion and Health*. 2. ed. USA: Oxford University Press, 2012.
- Lemos, C. T.; Martins Filho, J. R. F. *Religião, Espiritualidade e Saúde: os sentidos do viver e do morrer*. Belo Horizonte: Editora Senso, 2020.
- Lira, A. A. D.; Adam, J. C. A emergência do conceito de espiritualidade não religiosa. Contribuições de obras de referência terminológica. *Rever*, v. 23, n. 2, 2023. Doi: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2023vol23i2a22>
- Moreira-Almeida, A. O crescente impacto das publicações em espiritualidade e saúde e o papel da Revista de Psiquiatria Clínica. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 37, n. 2, p. 41-42, 2010. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000200001>
- Ritz, C. D. A. *Eu sou sem religião com crença: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória*. 625 f. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- Ritz, C. D. A.; Senra, F. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. *Caminhos*, v. 20, n. 3, p. 545-556, 2022. Doi: <https://doi.org/10.18224/cam.v20i3.12778>
- Sena, M. A. B. et al. Defining Spirituality in Healthcare: A Systematic Review and Conceptual Framework. *Frontiers in Psychology*, v. 12, p. e75608, 2021. Doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.756080>

- Senra, F. Espiritualidade não religiosa. In: Ribeiro, C. O.; Aragão, G.; Panasiewicz, R. (org.). *Dicionário do Pluralismo Religioso*. São Paulo: Recriar, 2020. p. 71-77.
- Senra, F.; Souza, J. F. Espiritualidad como cualidad humana y cualidad humana profunda en el pensamiento de Marià Corbí. *Theologica Xaveriana*, v. 71, 2021. Doi: <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx71.echchp>
- Senra, F.; Carvalho, I. F.; Vieira, J. A. C. Os sem religião: Espacialização e vozes de uma transformação. *Caderno de Geografia*, v. 30, n. 16, p. 480-498, 2020. Doi: <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2020v30n61p480>
- Souza, C. F. B. Cuidado espiritual e sua importância no paliativismo. In: Corradi-Perini, C.; Esperandio, M. R. G.; Souza, W. *Biochs: bioética e tanatologia*. Curitiba: CRV, 2019.
- Souza, C. F. B. Espiritualidade e bioética. *Revista Pístis Praxis*, v. 5, n. 376, p. 123-145, 2013. Doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.7677>
- Souza, C. F. B. Espiritualidade na perspectiva das Ciências da Religião. *Revista Senso*, 2022. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/ciencias-da-religiao/espiritualidade-na-perspectiva-das-ciencias-da-religiao/>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- Souza, J. F. *Inteligência espiritual: um estudo sobre o despertar de uma espiritualidade não religiosa como qualidade humana profunda nas organizações* 2020. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- Toniol, R. *Espiritualidad encarnada*. Políticas públicas, usos clínicos e investigaciones médicas en la legitimación de la espiritualidade como factor de salud. Santiago: Otors Cruces, 2023. Disponível em: <https://otroscruces.org/portfolio/espirtualidad-encarnada/>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- Vieira, J. Á. C.; Senra, F. Espiritualidade sem-religião: o cultivo da qualidade humana. *Síntese*, v. 47, n. 149, p. 605-633, 2020. Doi: <https://doi.org/10.20911/21769389v47n149p605/2020>